

Mito e Beleza: a estatuária grega na revista *Educação Physica*¹

Felipe Magaldi Suguihura*

Resumo: Na Grécia Antiga, indivíduos em destaque na sociedade, atletas, heróis, deuses, eram imortalizados em estátuas que representavam, pelos corpos “perfeitos”, os comportamentos e as virtudes que levariam ao sucesso e ao reconhecimento. Estas estátuas voltam a ser utilizadas como modelos em diversos momentos da história. Seguindo tal perspectiva, o objetivo deste artigo é apresentar uma análise da permanência da estatuária grega na revista *Educação Physica*, destacando a construção de um modelo de corpo em concordância com os pressupostos eugênicos e higiênicos que orientavam a Educação Física nos anos de 1930 a 1940 no Brasil, concretizando significados que, então, vinculavam-se ao projeto de desenvolvimento e modernização do país.

Palavras-chave: Corpo; modelos; educação física; mito; beleza.

Abstract: In Ancient Greece, prominent individuals, such as athletes, heroes and gods, were immortalized in statues which represented, with their “perfect” bodies, the behaviors and virtues that would lead to success and recognition. After some time, those statues were used again as models in several moments of history. Following this perspective, the objective of this paper is to present an analysis of the permanence of Greek statues in the magazine *Educação Physica*, emphasizing the construction of a body pattern in agreement with the eugenic and hygienic ideals that guided Physical Education from the 1930s to the 1940s in Brazil, materializing meanings which were related to the project of development and modernization of the country.

Key words: Body; models; physical education; myth; beauty.

Introdução

Os instrumentos de intervenção no corpo moldam-no de acordo com os padrões de cada sociedade, de acordo com um modelo determinado pela história local. Modelo de comportamento, de forma, de atitude, de vida.

* Licenciado em Educação Física, Faculdade de Educação Física (FEF), Unicamp. felipemagaldi@gmail.com

1. Este texto é fruto de uma pesquisa realizada no ano de 2004, sob orientação da Doutoranda Kátia Danailof – FE/Unicamp, para a elaboração da monografia de conclusão do curso de graduação em Licenciatura em Educação Física, na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Inovações tecnológicas, ao mesmo tempo em que atualizam os instrumentos de intervenção, também revigoram antigos postulados científicos; não por uma conservação estática do discurso, mas por uma reinvenção, uma reafirmação a cada mudança na sociedade, num movimento dinâmico (FRAGA, 2001). E é também através de uma “conservação dinâmica” que alguns modelos continuam sendo seguidos.

Na Grécia Antiga, os deuses, os atletas vencedores, os heróis das guerras e da mitologia eram moldados em bronze e mármore, imortalizados em estátuas que representavam, pelos corpos “perfeitos”, os comportamentos, as virtudes que levavam às vitórias, ao sucesso, ao reconhecimento do povo. Era isso que deveria ser mostrado e exaltado, idolatrado e seguido como modelo por todos que desejavam ser parte daquele mundo.

Estes corpos capturados na pedra voltam a ser utilizados como modelos em diversos momentos da história. No final do século XIX e início do século XX, período em que a fotografia e o cinema estão em plena expansão, em que a imagem passa, cada vez mais, a fazer parte da vida cotidiana das pessoas na comunicação, no entretenimento, essas estátuas são retomadas fortemente como o ideal de beleza, virtude e sucesso, para definir identidades nacionais.

Olhar para imagens dessa época pode instigar o pensamento sobre as representações de corpo hoje, que nos envolvem, nos interpelam e nos produzem, mostrando “[...] o quanto as sociedades necessitam reiterar suas regras e códigos, o quanto precisam repetir e renovar, sedutora e constantemente, os apelos para que todos nos engajemos na produção de corpos adequados, legítimos e desejáveis” (LOURO, 2003, p.13)².

A primeira forma de difusão e reiteração de regras e códigos em uma sociedade são os mitos. Nas sociedades primitivas, eles são tomados como histórias reais que explicam e justificam os comportamentos, as relações pessoais, a hierarquia social, a origem do universo e da vida e muitos outros fatos.

Segundo o Dicionário de Sociologia de Johnson (1995, p. 149), “mito é uma história sobre a experiência humana envolvendo o SAGRADO” usado para explicar e justificar tradições, valores e crenças de uma sociedade. Nesse sentido de instrumento de estudo social, o mito não se limita ao mundo primitivo de onde se originam as primeiras observações desse elemento (ABBAGNANO, 2000).

Alguns “comportamentos míticos” ainda sobrevivem sob nossos olhos. Não que se trate de “sobrevivências” de uma mentalidade arcaica. Mas alguns aspectos e funções do pensamento mítico são constituintes do ser humano. (ELIADE, 2002, p.156-157).

2. Prefácio de Guacira Louro ao livro *Bela, Maternal e Feminina* de Silvana Goellner.

Apesar de ter perdido um pouco a expressão de realidade que tinha nas sociedades primitivas, o mito ainda surge como determinante de diversos comportamentos, especialmente quando interessa a não discussão das suas origens históricas e sociais.

É neste sentido que vemos a mitificação da relação entre beleza, uma forma corporal esteticamente bem aceita, sucesso e felicidade.

Atualmente, as imagens dos ídolos apresentam os modelos de corpos desejáveis, felizes e bem sucedidos, ressaltando-se a beleza física e, normalmente, sem considerar outros pontos da história da vida dessas pessoas. Meninas e mulheres, assim como meninos e homens, são espectadores e consumidores dessas imagens que determinam o tipo de corpo a se obter para ser aceito pela sociedade.

No entanto, apesar da atual superexposição de corpos, a utilização de modelos, imagens, para apresentar as formas de um corpo aceito ou desejável tem raízes históricas. Desde as estátuas gregas, vinculam-se imagens a um discurso que determina o tipo de corpo característico de cada sociedade. Alteram-se valores, padrões, medidas e formas de intervenção ao longo do tempo, de acordo com a cultura local, mas há milênios que “beleza é fundamental”.

Assim, diferente de uma história do corpo, talvez seja mais instigante e viável realizar investigações sobre algumas ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos. (SA,NT'ANNA, 2001, p.4).

Educação Physica

A revista *Educação Physica*³, publicada no Brasil de 1932 a 1945, é um dos inúmeros exemplos da reinvenção dos significados da estatuária grega.

A publicação dessa revista coincide com uma época em que é explícita a busca por um “corpo brasileiro” que se encaixe nos projetos de desenvolvimento e modernização do país. As auto-intituladas “sciencias-arte” – Eugenia, Higiene e Educação Física – materializam e expõem o modelo de corpo desejado e os meios que levariam à consecução do projeto de fortalecimento da nação brasileira (DANAIOLOF, 2002).

Elaboram-se projetos e modelos de intervenção para legitimar hábitos com fins de sanear os indivíduos, criando um novo modo de vida para uma população que se queria homogênea. “Higiene e saúde, educação, o cultivo do corpo e do espírito, eficiência e rendimento eram então as premissas que definiriam o Brasil

3. Após reforma ortográfica realizada no Brasil na década de 1930, a revista passou a se chamar *Educação Física*; porém, utilizaremos o nome inicial (*Educação Physica*), ou simplesmente a *Revista*, em todas as referências a ela.

civilizado e, conseqüentemente, próspero” (DANAIOLOF, 2002, p.42).

A Educação Física é um dos instrumentos capazes de “promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos”, além de permitir a “domesticação” dos trabalhadores (SOARES, 2004, p.11).

Surgem, neste momento, inúmeras ações e instituições que promovem a Educação Física e a prática corporal como espaços e instrumentos de intervenção na educação dos cidadãos, numa valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada.

Em meio a essa euforia, fez-se necessário circular, difundir informações, conhecimentos científicos e pedagógicos que afirmassem essa necessidade “de cuidado corporal para a aquisição e preservação da saúde, da beleza e da força produtiva” (GOELLNER, 2003, p.17).

Neste contexto, a revista *Educação Physica* foi fundada no Rio de Janeiro, por professores civis (num período em que os militares ainda predominavam na área), com editora particular e grande número de correspondentes, redatores, representantes. Semestral no início, a partir de 1937 passou a mensal/bimensal.

Uma afirmação dos objetivos e orientação da *Revista* está no texto que, desde o segundo número, aparece nas primeiras páginas de todas as edições e que apresenta *Educação Physica* como:

REVISTA TECHNICA que visa apoiar a causa da educação physica;
Vulgarizando os princípios scientificos que servem de base á educação physica;
Favorecendo o surto dos esportes, como factor de aperfeiçoamento da raça;
Incentivando a formação de technicos especialistas;
Propagando os fins moraes e sociaes das actividades physicas;
Despertando a atenção publica para esse aspecto do problema educativo;
Coadjuvando o governo e instituições particulares na execução de seus programmas de educação physica;
Promovendo a união entre indivíduos e entidades que propugnam pelo progresso da educação physica. (grifos dos autores)⁴.

Ressalta-se, também, a existência, no quarto número da *Revista*, de uma seção chamada *Doutrina* no índice dos artigos publicados. Esta seção aparecerá, com periodicidade irregular, em diversos números posteriores.

4. As citações literais da revista *Educação Physica*, para se diferenciarem das citações das demais referências, serão centralizadas.

Estatuária grega: imagens da beleza

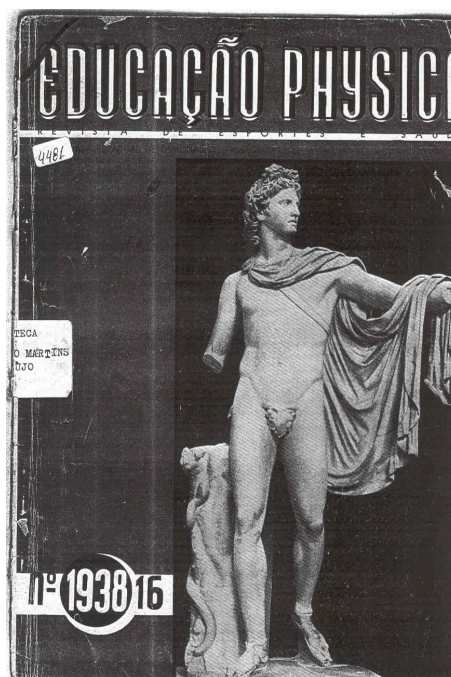


Figura 1: O Apolo de Belvedere na capa da Revista. Fonte: *Educação Physica*, n.16, 1938.

A utilização das imagens das estátuas gregas na *Revista* é marcante. Dos 88 números publicados, 23 têm ilustrações da statuária grega na capa e praticamente todos têm fotos internas. Além disso, a beleza grega defendida como ideal não é apenas apresentada na statuária, mas também exaltada em artigos específicos.

Muitos de seus textos (da *Revista*) mitificam a beleza quase a ponto de torná-la incorpórea, porque contemplada a partir de um padrão estético construído para representar figuras humanas idealizadas, que pouca semelhança poderia encontrar em corpos reais e vivos, uma vez que se configuravam não como retratos, na concepção que hoje nos é possível entender, mas como representações, motivo pelo qual é possível falar desta estética como sendo a “estética clássica da Revista Educação Physica”. (GOELLNER, 2003, p.46).

A statuária grega não eram esculpidas a partir da observação de corpos reais, mas de rígidos modelos antigos e do conhecimento que os artistas tinham da estrutura corporal, configurando-se como verdadeiros estudos da anatomia hu-

mana. “Não existe corpo humano que seja tão simétrico, tão bem construído e belo quanto os das estátuas gregas” (GOMBRICH, 1993, p.70).

A liberdade com que os artistas trabalhavam sobre as figuras gerais e esquemáticas permitia-lhes dar vida às esculturas, fazendo-as surgir como seres humanos de verdade, mas de um mundo diferente e melhor. Não porque os gregos fossem mais sadios e belos do que os outros homens, mas porque sua arte era (GOMBRICH, 1993).

Sem observar essa história da arte, as estátuas são tomadas como representações de corpos reais formados pelos exercícios, pela ginástica, pela Educação Física, servindo para demonstrar aos leitores que, dependendo da dedicação individual, aquela beleza clássica poderia ser adquirida.

É esta utilização da estatuária grega que Milton de Almeida (2001) observa na aparição do Discóbulo de Myron no filme *Olympia* (1938), documentário de Leni Riefenstahl sobre os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim.

Mais que uma estátua, [...], ao longo da história ela, esvaziada da sua própria história, passou a representar popularmente um conjunto abstrato de ideais de perfeição, harmonia, beleza. [...] tornou-se a matéria visível de uma Virtude, um conceito moral em disposição política para qualquer poder que queira dela fazer uso. (ALMEIDA, 2001, p.85).

Em uma revista, a estátua, objeto tridimensional, deixa seu local de origem e ganha nova forma, espaço, dimensão, peso. Através da fotografia e do desenho, ao leitor da revista *Educação Physica* é permitido percorrer a estátua conforme seu olhar deseja: escolher onde começar, por onde seguir, onde parar, quando continuar; construindo sua interpretação

[...] em conformidade com seus repertórios pessoais culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos. (KOSSOY, 2000, p.44).

Nas páginas da *Revista*, podem-se ler as palavras e olhar as imagens juntas ou separadas. Lidas em conjunto, um novo documento se apresenta (ALMEIDA, 2002)⁵.

A imagem, geralmente reelaborada, serve como comprovação do artigo, da matéria, ou direciona a recepção através das “interpretações pré-construídas” pelo arquivo mental do leitor (KOSSOY, 2000).

5. Prefácio de Milton J. de Almeida ao livro *Imagens da Educação no Corpo* de Carmem L. Soares.

A ficção pode então substituir o real tendo o documento fotográfico como prova “convicente”, como constatação definitiva de legitimação de todo um ideário: a mensagem simbólica, emblemática de um real a ser alcançado, cobijado ou construído. As imagens técnicas tornam as imagens mentais reais. As fantasias da imaginação individual e do imaginário coletivo adquirem contornos nítidos e formas concretas através do chamado testemunho fotográfico. (KOSSOY, 2000, p.140).

Assim como Riefensthal conduz os espectadores de seu filme numa retomada, pelas imagens, da idéia de cada um sobre a Grécia Antiga, os artigos da *Revista* também fazem o mesmo trajeto. Com a constante presença de imagens da estatuária grega (um testemunho fotográfico) ilustrando diversos textos e capas, consegue-se envolver o leitor numa atmosfera de beleza atlética, de ideais de pureza, democracia e cidadania que a memória contemporânea tem a respeito do povo grego naquele período.

É principalmente como ilustração dos artigos que as imagens das estátuas gregas aparecem na *Revista*; inúmeras vezes, sem nenhuma relação direta ou explícita com o conteúdo do texto, servindo como instrumento para trazer à lembrança os supostos ideais gregos de corpo e comportamento.

A essas imagens são coladas justificativas que levam o leitor(a) a reconhecer que a perfectibilidade corporal dos gregos, expressa na e pela sua arte, resulta da compreensão que este povo teve sobre a importância e a necessidade de um intenso trabalho físico para o fortalecimento tanto do corpo como da alma. (GOELLNER, 2003, p.44).

A “estética clássica da Revista Educação Physica” era utilizada na mitificação, na construção de um modelo de corpo que contribuiria para as finalidades da *Revista* e da Educação Física no período: “levar a realizar uma educação integral” para a criação de homens mais fortes, representantes da “beleza ideal de uma raça mais completa e mais nobre”, através da presença dos “métodos ginásticos, esportivos e atléticos” nas escolas e instituições de educação não-formal e informal, públicas e privadas.

Educação integral, higiene e eugênica



Figura 2: O Antinoüs ilustrando um texto "doutrinário".

Fonte: *Educação Physica*, n.16, 1938.

A educação integral, um dos principais temas defendidos nos artigos doutrinários da *Revista*, tinha como modelo exemplar o Antinoüs de Belvedere, cuja imagem começa a aparecer constantemente a partir do número 15 da publicação. Em praticamente todos os números seguintes, algum texto "doutrinário" vem ilustrado por esta estátua logo nas primeiras páginas da publicação.

Symboliza Antinoüs a mais completa realização da harmonia humana, não só pelo seu admirável vigor physico, como também pela expressão graciosa e viril de seu rosto, onde transparece a luz da intelligencia.

A concepção da educação physica deve fundar-se, tal como o comprehenderam os gregos, na interdependencia do corpo e do espirito. Não se despreze um em beneficio do outro, porque só ha uma educação efficiente e completa, educação integral: physica, moral e intellectual. (ANTINOÛS..., 1938, p.1).

Uma educação semelhante à da Grécia Antiga era o que o país precisava para tornar-se imperecível e heróico. E os modelos de corpo que iriam formar essa nação vitoriosa também se expunham nesses artigos.

Os modelos – como Antinöus – que nos deixou a antiguidade, são as formas verdadeiras e normaes, são individuos em estadio superior. E não só physicamente, senao moral e intellectualmente. (ANTINOÛS..., 1938, p.1).

Segundo a *Revista*, esse modelo indicava a posse de saúde, beleza, força e inteligência. A saúde é relacionada ao equilíbrio do corpo; a força, à produção de trabalho, resistência à fadiga, energia; e a beleza seria o desenvolvimento completo do ser, “a harmonia das proporções, a regularidade das formas” (ANTINOÛS..., 1938).

A Educação Física, fruto da verdadeira atlética grega, elevada a uma ciência biológica e arte plástica, deveria “ter por fim realizar estes typos perfeitos”, com corpo e espírito em dependência mútua, um perfeito equilíbrio neuro-muscular: *mens sana in corpore sano* (AZEVEDO, 1938).

Os tipos perfeitos estavam então colocados: Antinöus, Apolo. E colada a essas imagens, a idéia de um ser completo: belo e, por isso, inteligente, forte, saudável, capaz de controlar sua energia para o trabalho, para a vida na sociedade moderna.

Para o Dr. Antonio Caifano (1938), o homem dotado de força, vontade e inteligência preenche completamente seu papel social. E a educação física pode conseguir desenvolver esses três fatores através da imposição do exercício como norma, do desenvolvimento do equilíbrio anátomo-fisiológico e da normalização das funções do cérebro.

Educando a vontade tanto num esforço para corrigir defeitos physicos, como para manter sua harmonia physiologica, conseguiremos que esse homem discipline o esforço e o realize em pról de seu aperfeiçoamento, intellectual e moral. (CAIFANO, 1938, p.9).

O reordenamento dos corpos era marcado pelas virtudes morais (respeito, honestidade, disciplina, altruísmo etc.), físicas (força, resistência) e intelectuais. Ensinar a controlar a “energia nervosa” para cada um desses aspectos, sabendo quando utilizá-la e quando preservá-la, era responsabilidade da educação física.

Buscava-se canalizar as energias para o trabalho, para a produção, ou gastá-las nos jogos e exercícios, pois “um dos problemas da vida moderna é achar derivativos convenientes para esses instintos, que do contrario, procurarão e encontrarão saída em formas anti-sociaes” (CONCEPÇÃO..., 1937, p.12).

Para a Educação Física e a Higiene “[...] apenas produzindo e cultivando corpos normais e hígidos, educados e alegres, seria obtida a fonte de energia necessária para o fortalecimento da nação, fazendo com que o corpo fosse capaz de produzir [...]” o máximo de rendimento físico, intelectual e moral, com o mínimo de fadiga (DANAIOLO, 2002, p.45).

O exercício físico na instituição escolar, construído a partir de conceitos médicos, contribuiu “para veicular, entre outras, a idéia da saúde vinculada ao corpo biológico, corpo a-histórico” (SOARES, 2004, p.34).

As concepções higienistas indicam, como explicação da degradação social, física e intelectual da maioria da população, causas biológicas, físicas, “naturais” e morais. Objetivando sanar estes problemas, deveriam ser alterados hábitos, costumes, valores; realizar uma assepsia no meio físico; atingir as famílias com uma educação física, moral, intelectual e sexual.

No discurso médico-higienista, podem-se encontrar “elementos que auxiliem na compreensão de uma Educação Física como sinônimo de saúde física e mental, como promotora de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral” (SOARES, 2004, p.69-70).

A *Revista* defende que a Educação Física “corrige a fraqueza organica, produz figura symetrica, desenvolve os musculos, dilata o thorax, augmenta a vitalidade e a resistencia, pondo a saúde sobre um pedestal firme” (EDUCAÇÃO HYGIENICA..., 1938, p.9).

A saúde, visualizada na força física e representante de coração e pulmões poderosos, é vista como elemento fundamental para o sucesso em qualquer profissão. A preocupação é com um trabalho sem faltas, com a “eficiência normal” de uma peça importante da “máquina comercial”, cabendo ao trabalhador a responsabilidade por se manter eficiente (HOFFMANN, 1937).

Todo homem que não dispuzer de, pelo menos, uma força physica media, quasi certamente se ha de, tambem, ressentir da falta, até certo ponto, de respeito proprio, como ainda de outras qualidades necessarias ao exito.

Há excepções a toda regra, entretanto os individuos que vencem, que conseguem as boas coisas da vida, são geralmente aquelles que são mais robustos, mais vigorosos.

[...]

Os individuos que não tiverem bôa vontade em se manter aptos, são substituidos por outros, mais efficientes. (HOFFMANN, 1937, p.54).

Hoffmann trata das atividades para a manutenção do vigor após os quarenta anos, dos benefícios da energia conservada. Juntamente com a conclusão do artigo, mostra-se uma foto de um jovem americano em pose que lembra a estatuária

grega. Nada é mencionado sobre medidas e proporções, sobre gordura ou estética; apenas sobre músculos e energia. Porém, a foto mostra a aparência física de quem tem a boa vontade em se manter apto e a possibilidade de triunfar.

Em outro artigo, Chevillet (1938) afirma que a saúde, o vigor e a força poderiam ser visualizados em um corpo belo.

O Criador modelou bem o homem primitivo, e, portanto bello, resistente ás fadigas, ás doenças. Em todos os seculos, os artistas pintores ou esculptores representaram a força em corpos harmoniosos. Uma lei é imutavel: a deformidade do corpo é incompativel com a saude e a resistencia. Modelemos nossas bellas formas com poses e gozaremos da robustez em face das intemperies, dos microbios, das fadigas. (CHEVILLET, 1938, p.13).

A criação do homem integral – através de uma Educação Física que formaria não só o corpo ideal, mas a boa moral, o bom espírito – e a “internalização” de hábitos saudáveis – através da prática cotidiana de atividades físicas – eram objetivos da Educação Física e da Higiene, mas que não podem ser pensados separadamente da idéia de fortalecimento da nação através da melhoria da raça, projeto do Eugenismo para a modernização do país.

No preparo do individuo para a vida, applicam-se os mesmos principios que para o desenvolvimento da raça. (EDUCAÇÃO PHYSICA..., 1937, p.13).

De acordo com Fernando de Azevedo (1960), Eugenia é a ciência ou disciplina que estuda as medidas sociais, econômicas, sanitárias e educacionais, que influenciam física e mentalmente o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos, as qualidades raciais das gerações futuras.

Com Antinoüs ao centro da página, a revista *Educação Physica* mostrava alguns dos caminhos para o pretendido futuro do país.

A fôrça de uma nação é o complexo da fôrça física, intelectual e moral de cada um de seus elementos. É a resultante das fôrças individuais que a compõem. (DESBONNET, 1938, p.9).

O desenvolvimento físico normal, de acordo com os padrões naturais conhecidos, levaria à felicidade da saúde, da virtude.

É assegurando sólidas bases naturais, o corpo são ideal dos filósofos gregos, garantia segura de seu futuro, que se pode cultivar as virtudes intelectuais e morais. É numa sociedade

forte que se podem desenvolver as qualidades de perseverança, de vontade, que asseguram o dever das nações. (DESBONNET, 1938, p.9).

Para os próprios eugenistas, a doutrina eugênica teria nascido com a filosofia grega. Desde a adolescência, os gregos dedicavam-se à ginástica e, cultuando a beleza (física) e as artes, tornaram-se seres imortais e exemplos de serenidade, sabedoria e heroísmo (DANAIOLOF, 2002).

Estes exemplos eram exaltados nas páginas da *Revista*.

Ahi está a prodigiosa estatuaria grega, mostrando-nos os mais bellos typos de belleza physica, masculina e feminina, que até agora tenhamos conhecido e que foram, certamente, copiados de esportistas, verdadeiros modelos vivos. (NETTO, 1937, p.35).

Diversos testemunhos, como as estátuas, seriam mostra de que na Grécia havia “[...] homens nos quaes um perfeito physico sempre esteve a serviço de uma mentalidade clara e exacta e de uma moralidade integra” (NETTO, 1937, p.35).

Na defesa do desejo de se formar uma sociedade una, homogênea, plena de razão e disciplina, as contradições, as vozes dissonantes não têm espaço. Só há um único tipo de corpo, um homem típico. “Traduzido em imagens diversas, o ideal de cidadão brasileiro surge como uma imagem capaz de representar a identidade nacional” (DANAIOLOF, 2002, p.35).

A nova educação physica deverá formar um homem typico que tenha as seguintes características: detalhe mais delgado que cheio, gracioso de musculatura, flexivel, de olhos claros, pelle sã, agil, desperto, erecto, docil, entusiasta, alegre, viril, imaginoso, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de actos e pensamentos, dotado com o senso da honra, da justiça, participando no companheirismo de seus semelhantes, e levando o amor de Deus e dos homens no seu coração. (FISHER, 1933, p.14).

Inclusive os atletas deveriam aliar os predicados morais aos dotes físicos se desejassem ter o reconhecimento e a admiração do público, representando um “exemplo digno de ser imitado pela mocidade de seu país” (LOYOLA, 1940).

Alguns destes exemplos aparecem quando fotografias de jovens atletas começam a ser utilizadas em substituição às estátuas gregas, mas acompanhadas de um discurso semelhante.

Uma nova geração está se formando no Brasil pela educação física, definindo-se um tipo racial sadio, forte e belo. O jo-

vem atleta José Roberto de Macedo Soares, cuja fotografia ilustra esta página, é um magnífico modelo desta nova geração. Aprecie-se-lhes a harmonia das linhas e a perfeição das formas – é o resultado vitorioso de sua dedicação ao exercício físico. Todos os jovens patricios teem a obrigação de imitá-lo para a maior glória do Brasil. (*Educação Physica*, n.60, 1941, p.11).

Algumas considerações



Figura 3: Jovem brasileiro como modelo de corpo e virtude.
Fonte: *Educação Physica*, n.60, 1941.

A Educação Física racionalizada orienta as ações sobre os corpos, buscando educá-los, civilizá-los de acordo com as exigências dos novos espaços e meios de convivência social. Para realizar esse controle, utiliza-se, escolhe-se e se difunde um modelo, de corpo e comportamento, que requer certas ações coletivas e individuais para ser atingido.

A revista *Educação Physica*, elegendando a estética clássica como padrão de beleza, contribuía para divulgar, para mitificar a idéia de um corpo ideal do brasileiro, pretendido pelos projetos higiênicos e eugênicos no Brasil nos anos 1930 e 1940.

Apresentava-se a possibilidade de se desenvolver, através da prática obstinada de exercícios físicos e da aquisição de hábitos saudáveis de vida, um homem moralmente bom, mentalmente sã, trabalhador eficiente, intelectualmente superior aos demais; tudo isto representado por uma forma corporal simétrica e bela como a de Antinoüs.

As fotografias das estátuas que acompanham os artigos “doutrinários” da *Revista* acabam servindo como comprovação das idéias defendidas pelos textos. São imagens trazidas do passado para servir à construção do futuro, re-significadas com os valores da época que as rememoram, agindo como prova da realidade que se pretendia mostrar.

A *Revista* realizou, ainda, uma transferência da virtude materializada nas estátuas para o corpo dos atletas nacionais. Após um grande período em que a estatuária grega aparecia ilustrando os textos, começaram a surgir fotografias de jovens estrangeiros e brasileiros que teriam desenvolvido, através do controle da vontade e da prática da Educação Física, corpos semelhantes aos das estátuas. Jovens exemplos de cidadãos que trazem esculpidos em seus corpos a beleza e a força da raça, ocupando o lugar das estátuas, tanto nas revistas como na corporificação das virtudes.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALMEIDA, M.J. A liturgia olímpica. In: SOARES, C.L. (org) *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. cap.5, p.79-108.
- ALMEIDA, M.J. Prefácio. In: SOARES, C.L. *Imagens da educação no corpo*. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- ANTINOÛS – padrão da educação integral. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.15, p.1, 1938.
- AZEVEDO, F. de. Antinoüs – padrão da educação integral: physica, moral e intellectual. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.24, p.10-11; 67, 1938.
- AZEVEDO, F. de. Antinous: estudo de cultura atlética. AZEVEDO, F. *Obras completas*. v.I, 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- CAIFANO, A. O valor social da educação physica. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.20, p.9-10, 1938.
- CHEVILLET, P. A cultura physica é o substrato da beleza e da saúde. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.20, p.13-14, 1938.
- CONCEPÇÃO moderna de educação physica. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.13, p.11-12; 92-93, 1937.

- DANAIOLOF, K. *Corpos e cidades: lugares da educação*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- DESBONNET, E. A cultura física e a nação. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.24, p.9, 1938.
- EDUCAÇÃO HYGIENICA do povo – como podem prestar sua contribuição as instituições particulares. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.19, p.9; 26, 1938.
- A EDUCAÇÃO PHYSICA como deve ser compreendida e praticada. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.8, p.13, 1937.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. 6.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- FISHER, R. A nova educação physica. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.4, p.13-14, 1933.
- FRAGA, A.B. Sobre os escombros de Antinoüs: breve história de ambições e legitimidade na educação física. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, 12., 2001, Caxambu. São Paulo: Microservice, 2001. 1 CD-ROM.
- GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.
- GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. 15.ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 1993.
- HOFFMANN, B. Saúde e força. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.10, p.54-55, 1937.
- JOHNSON, A. G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê, 2000.
- LOURO, G. Prefácio. In: GOELLNER, S.V. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista educação physica*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.
- LOYOLA, H. Educação esportiva. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.38, p.9, 1940.
- NETTO, A.R. A arte e a literatura nos esportes. *Educação physica*, Rio de Janeiro, n.10, p.34-36; 86, 1937.
- SANT'ANNA, D. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C.L. (org). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. cap. 1, p.3-23.
- SOARES, C.L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

Recebido em 23 de setembro de 2005 e aprovado em 20 de outubro de 2006.